

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E AS OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM PARA GRADUANDOS

Tatiane Silva Tavares Maia - tstavares@gmail.com

Mateus Piloni - tstavares@gmail.com

Fabrício Simplício Maia - tstavares@gmail.com

* Submissão em: 07/07/2020 | Aceito em: 17/01/2022

RESUMO

Este estudo visou analisar a percepção de bolsistas quanto aos desafios e oportunidades encontrados em um programa de iniciação científica de uma instituição de ensino superior do Oeste de Santa Catarina. Foi adotada abordagem metodológica descritiva e exploratória, baseada em métodos qualitativos. Os dados foram coletados a partir da técnica de grupo focal, aplicada junto a oito bolsistas. A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo, conforme as recomendações de Bardin (2016). Os resultados permitiram constatar que há variadas oportunidades para o estudante inserido na iniciação científica, as quais alavancaram tanto sua carreira profissional como acadêmica. Evidenciou-se que as oportunidades também se originam dos desafios enfrentados no cotidiano do bolsista.

Palavras-chave: Iniciação Científica; Aprendizagem; Potencialidades e Desafios.

SCIENTIFIC INITIATION PROGRAM AND LEARNING OPPORTUNITY FOR GRADUATES

ABSTRACT

This study aimed to analyze the perception of scholarship holders regarding the challenges and opportunities found in a scientific initiation program of a higher education institution in the West of Santa Catarina. A descriptive methodological approach was adopted, based on qualitative methods. Data were collected using the focus group technique, applied to eight fellows, subjects of the research. Data analysis was performed through content analysis, according to the recommendations of Bardin (2016). The results showed that there are several opportunities for students enrolled in scientific initiation, which leveraged both their professional and academic careers. It was evident that the opportunities stem from the challenges faced in the grantee's daily life.

Keywords: Scientific Research; Learning; Potentials and Challenges.

1 INTRODUÇÃO

A iniciação científica (IC) refere-se a uma atividade que inicia com o aluno de graduação na produção de conhecimento científico. Além disso, tal atividade faz sentido em uma estruturação de ensino superior que inclui em suas práticas acadêmicas a pesquisa científica (MASSI; QUEIROZ, 2015). Nessa lógica, entende-se a IC como um dispositivo de entrada para os estudantes conhecerem o campo do trabalho acadêmico, da mesma forma em que simboliza uma oportunidade para as instituições de ensino e pesquisa atraírem novos talentos (PINTO; FERNANDES; SILVA, 2016).

Considerando tal perspectiva, Fernandes, De Queiroz Bessa e Da Silva (2013) salientam que a IC, representa um avanço ao discente, pois contribui para a preparação do mesmo em relação ao mercado de trabalho, tornando-o mais preparado para os desafios da futura profissão. O sucesso de suas atividades depende substancialmente da disponibilidade, conhecimentos, habilidades e do comprometimento do aluno (PINHEIRO, 2010). Ainda verde, o estudante dá início à produção de conhecimentos emancipadores. Ganha autenticidade em sua atuação no programa, na medida em que consegue vencer seus desafios e aproveitar suas oportunidades. De maneira mais ampla, a IC pode trazer à tona desafios de propostas interdisciplinares, na busca da junção de conhecimento teórico e pesquisas, proporcionando aprendizagens mais significativas (ERDMANN et al., 2010; MARTINO et al., 2018).

Nesse sentido, é pertinente compreender como é a experiência de estudantes em programas de IC, para tanto escolheu-se os estudantes participantes do programa de IC de uma universidade pública do Oeste de Santa Catarina. Compreender melhor as vivências do graduando, a partir de sua iniciação à pesquisa auxiliará no entendimento das contribuições da IC, tida como um mecanismo de apoio teórico e metodológico à produção da pesquisa, suporte essencial para o graduando no processo de formação de uma nova mentalidade (PEREIRA ET AL, 2011; CASSUNDÉ et al., 2015; SOARES et al., 2017). Além disso, contribui com o desenvolvimento de ferramentas para sanar problemas da sociedade. Sendo que a participação em projetos de IC proporciona aos estudantes o contato com a produção científica e possibilita o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos científicos, engajando-os em atividades de investigação (SANTOS; LEAL, 2014).

Diante do exposto, este estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: quais são os desafios e oportunidades encontradas por bolsistas em programa de IC ? No empenho de responder esta questão, estabeleceu-se como objetivo: analisar a percepção do bolsista quanto aos desafios e oportunidades identificados na prática de IC.

O presente artigo estrutura-se em cinco partes, iniciando por esta introdução, a qual contextualiza o tema e contempla a pergunta de pesquisa e o objetivo do estudo. Na sequência apresenta-se uma revisão sistemática da literatura, abordando os estudos relevantes ao tema, com o propósito de dar a ele melhor embasamento. Os métodos da pesquisa estabelecem os passos percorridos para a realização deste estudo qualitativo, via grupo focal. Os resultados discutem, a partir do relato dos participantes do grupo, vários entraves, dificuldades e alguns desafios do programa de IC, atrelados a ricas oportunidades de aprendizado significativo, também oportunizado. Ao final, foram tecidas algumas considerações e apresentada a agenda para pesquisas futuras.

2 INICIAÇÃO CIENTÍFICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

A revisão teórica apresentada a seguir, trata da revisão bibliográfica e da contextualização da temática iniciação científica, envolve uma revisão sistemática da literatura, abordando os estudos relevantes ao tema. Cabe esclarecer ainda que se trata de uma revisão sistemática de literatura, método abrangente que visa identificar todos os estudos relevantes de um determinado tema para responder a uma questão específica.

Esse tipo de revisão objetiva analisar os estudos com a intenção de obter conclusões, sobre o que é válido ou não. De acordo com Sampaio (2007), a revisão sistemática é particularmente útil para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinado tema, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes.

Assim como qualquer outra investigação científica, uma boa revisão sistemática requer uma pergunta ou questão bem formulada e clara (SAMPALIO, 2007). Surgem assim, os aspectos norteadores da pesquisa, os quais embasou a presente revisão sistemática: estudos relacionados à IC, instituições públicas e possíveis contribuições, os principais autores, sua vinculação, ano de publicação das obras, objetivos e principais resultados alcançados.

A consulta foi executada entre os dias 20 e 21 de outubro do ano de 2018 e foram indexadas as palavras-chave: iniciação científica e instituições públicas, bolsistas e contribuições e por fim os temas iniciação científica e formação acadêmica. A partir da busca na base de dados no portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior e do Ministério da Educação (CAPES/MEC), incluiu-se a pesquisa avançada com os seguintes critérios: artigos, idioma português e posterior artigos revisados por pares, a fim de possibilitar uma melhor análise.

Nesse processo, foram listados os artigos que havia coesão com as palavras-chave incluídas e, dentro dos critérios estabelecidos, houve a leitura dinâmica do título e, havendo ligação com o tema central da pesquisa, lia-se o resumo para averiguar a conexão com o tema investigado. Observe-se o quadro 1, nele se encontra um apanhado da revisão sistemática.

Quadro 1: Etapas da revisão sistemática da literatura realizada no portal Periódicos CAPES/MEC

| Descritor (etapa 1) | Total segundo o portal de artigos sem critério de inclusão (etapa 2) | Total de artigos após a inclusão dos seguintes critérios: 1) artigos em português 2) disponível eletronicamente no portal (etapa 3) | Total de artigos após os seguintes critérios: 1) artigos revisados por pares que abordassem em seu resumo pelo menos um aspecto relacionado ao tema e que não fossem repetidos (etapa 4) | Total de artigos após o seguinte critério: 1) Leitura dos títulos relacionados ao tema de interesse (etapa 5) | Total de artigos após a leitura completa do resumo, segundo o seguinte critério de inclusão: 1) artigos que abordaram claramente o tema pesquisado (etapa 6) |
|---|---|--|---|--|--|
| Iniciação Científica e instituições públicas | 567 | 260 | 200 | 125 | 2 |
| Bolsistas e contribuições | 380 | 97 | 74 | 36 | 1 |
| Iniciação Científica e formação acadêmica | 585 | 268 | 207 | 98 | 2 |
| Total de Periódicos | 1532 | 625 | 481 | 259 | 5 |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Depois de efetuada a revisão sistemática, foi identificado cinco (5) periódicos para integrarem a composição teórica do estudo. Cabe ressaltar que embora o tema analisado possua ampla extensão, há poucos estudos voltados exclusivamente as suas contribuições. Nesse sentido os cinco (5) periódicos selecionados, possuem alguma relação mais direta, com os temas; iniciação científica e instituições públicas, IC e formação acadêmica, bolsistas e contribuições. Sendo que os mesmos servirão de base para o desenvolvimento do estudo.

O primeiro estudo publicado em periódico, obtido por meio da revisão sistemática de literatura é de autoria de Natália Lúcia Da Silva Pinto, Laura Maria Abdon Fernandes e Fabiana Ferreira Silva, apresentado com o título “Para além da formação acadêmica: as contribuições da IC para o desenvolvimento pessoal e profissional de estudantes da área de administração”,

publicado no ano de 2016. O periódico em questão buscou averiguar as contribuições que estudantes da área de administração tinham em relação ao desenvolvimento de programas de IC. Além disso, por meio do estudo foi possível detectar dificuldades enfrentadas, como também o fator motivacional que leva os estudantes a ingressarem nesses programas. Com o estudo verificou-se que sim, a IC promovida nas universidades, gera impactos positivos tanto na vida profissional como acadêmica dos estudantes participantes.

Em relação ao segundo artigo listado, o mesmo foi redigido pela autora Marilene Batista Da Cruz Nascimento, na qual teve a seguinte titulação “IC e seus impactos na formação acadêmica superior: um estudo de caso em Sergipe (1995-2008)”, publicado em Dezembro de 2011. Em que aborda basicamente o mesmo assunto do periódico mencionado acima. Entretanto reconhece a insuficiência de bolsas de pesquisa nas instituições públicas e privadas. Em virtude do estudo realizado, conclui-se que a maior parte dos egressos participantes da IC se encaminha para a pós-graduação.

O terceiro periódico utilizado foi escrito por, Alacoque Lorenzini Erdmann *et al* com o título “Vislumbrando o significado da IC a partir do graduando de enfermagem”, publicado em 2010. Esse estudo aborda e discute assuntos que vem ao encontro daqueles tratados pelos dois outros periódicos supracitados, segue assim reafirmando a importância das bolsas de IC na carreira acadêmica e profissional dos estudantes.

O quarto estudo identificado foi elaborado pelas autoras, Cassius Klay Silva Santos e Edvalda Araújo Leal, na qual recebeu o título “A IC na formação dos graduandos em ciências contábeis: um estudo em uma instituição pública do triângulo mineiro”, publicado em abril de 2014. O mesmo constatou que os participantes de projetos de pesquisa, eles tem maiores contribuições no âmbito profissional do que no acadêmico. Por outro lado, esse fato vem a convergir com estudos de outros autores, em que em sua maioria defendem que há maiores contribuições no âmbito acadêmico em relação ao profissional. Conforme Almeida, Vargas e Rausch (2011), “estudantes participantes de programas de iniciação científica tem mais proximidade com as práticas de mercado, possibilitando assim aliar de maneira mais fácil a prática com as teorias da profissão”.

O quinto e último artigo selecionado é de autoria de Tatiana Brandão Fernandes, Amanda de Queiroz Bessa e Edinara Sobrinho da Silva, contemplado com o título “A IC na universidade federal do Amazonas: um estudo do perfil e das perspectivas dos discentes de biblioteconomia que ingressaram no PIBIC entre os anos de 2010 a 2012”, publicado no ano de 2013. O periódico em seus resultados verificou que estudantes participantes de programas

de IC agregam mais competências em relação aos que não tiveram tal oportunidade. Essas competências vão desde o desenvolvimento de técnicas de escrita até oratória e também há melhorias nas relações interpessoais. Por meio do estudo efetuado, foi possível identificar que as perspectivas dos estudantes em relação ao projeto desenvolvido eram atendidas. Como citado anteriormente em outros artigos, este reafirma que há mais contribuições no âmbito acadêmico do que profissional, pois os mesmos (estudantes) apresentaram melhor rendimento acadêmico quando participantes de ações ligadas a IC.

Diante da revisão sistemática de literatura realizada neste estudo, pode se constatar que as práticas de IC desenvolvidas nas universidades são impulsionadoras na formação do conhecimento. Além disso, os estudantes que a desempenham, também auferem resultados no sentido de desenvolver competências e estar mais preparados para o mercado, ou para a vida acadêmica (ODELIOS; PORTO, 2016). Como se pode perceber nos artigos utilizados, há entraves quanto à insuficiência de bolsas de pesquisas, pois se sabe que há alunos que dependem dessa “bolsa” para permanecerem na universidade, mantendo seu vínculo com a instituição e se dedicando aos estudos.

Considerando o exposto pode-se afirmar que a IC possibilita a inclusão do graduando em um mundo de descobertas, sendo que essas descobertas podem e devem vir a gerar contribuições tanto para a universidade como para a sociedade (GUTERRES, 2006). Em síntese desenvolver pesquisa se trata de promover o conhecimento, o desenvolvimento pessoal e também dar uma direção ao estudante, seja ela no âmbito acadêmico ou no profissional. Por tais razões, incentivar o estudante a participar de projetos voltados a IC é contribuir tanto com o mesmo como também com o desenvolvimento do país.

3 MÉTODOS

O presente trabalho se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa, por meio dela se buscou conhecer as percepções dos participantes do programa de IC a respeito dos desafios e potencialidades em seu processo de pesquisa científica. O entendimento foi focado a um grupo de graduandos, não tendo preocupação com a quantificação de valores (FLICK, 2009; GIBBS, 2009).

A pesquisa se classifica como descritiva, pois por meio dela se buscou transmitir a realidade do trabalho em programas de IC, descrevendo a percepção dos seus participantes (TAYLOR; BOGDAN, 1997). Sendo ela também caracterizada como pesquisa exploratória, pois objetiva proporcionar maior familiaridade com a pergunta de pesquisa para tornar toda a

problemática que a envolve, mais explícita (GIL, 2008). Nesse sentido, o presente estudo se caracteriza como exploratório na medida em que, de modo esclarecedor, cumpre a ele trazer à tona, percepções de graduandos a respeito das oportunidades e desafios enfrentados em um programa de IC.

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes de graduação contemplados com a bolsa de IC e estudantes do mestrado (ex. bolsistas) de uma instituição de ensino superior do Oeste de Santa Catarina. Tal delimitação permitiu averiguar percepções durante e depois do processo de participação na IC. Para escolha dos participantes da pesquisa, o método utilizado foi o de acessibilidade e representatividade, estabelecido por escolha intencional. Este tipo de critério é constituído pela seleção de sujeitos que o pesquisador considera representativos da população a ser estudada, justamente por conhecê-la, fato expresso da realidade deste estudo (VERGARA, 2009).

Iniciou-se a pesquisa por meio de uma entrevista de triagem, feita junto aos estudantes selecionados aleatoriamente, tendo como critério de seleção final ser aluno bolsista de IC. Em relação aos participantes do mestrado o critério foi ter participado como bolsista IC no período da graduação. Essa entrevista esclareceu a respeito de potenciais estudantes para contribuir com o estudo. Além da experiência como bolsista de IC, outros critérios foram considerados como relevantes para compor o grupo focal de maneira heterogênea, tais como: tempo de curso, gênero e tempo na IC.

A partir do resultado da entrevista de triagem, dez participantes foram convidados para participar do grupo focal e informados a respeito do método de estudo. Esclareceu-se que o método do grupo focal consiste em uma técnica desenvolvida por meio de uma reunião de indivíduos. Nela, os participantes expressam seus pontos de vista sobre um determinado assunto, diante da presença de um moderador, cujo papel é estimulá-los a opinar e compartilhar suas percepções (SEVERINO, 2007; GOMES; RAMOS, 2015). Envolve uma entrevista não estruturada, com abordagem direta e espontânea, a qual requer precauções para correta execução e alcance dos dados.

Nesse sentido, alguns cuidados são importantes e relacionam-se à: homogeneidade do grupo, interação entre os participantes, discussão focada em um assunto específico, presença de um moderador e no mínimo deve se ter seis e no máximo dez participantes (VERGARA, 2009). Destaca-se o uso do método de grupo focal em razão da possibilidade de obtenção de dados válidos e confiáveis a partir da interação que ocorre entre os participantes, não se restringindo somente ao pesquisador essa interação (BARBOUR, 2009).

Primeiramente, coletaram-se os dados a partir da aplicação de um questionário concernente ao perfil dos participantes da pesquisa. A seguir, realizou-se o grupo focal nas pendências da universidade, para comodidade dos participantes, ao final do mês de dezembro de 2018. Houve a participação de oito estudantes, dentre eles seis da graduação e dois do mestrado. Reunidos em uma sala, eles explanaram suas opiniões e vivências acerca de tópicos específicos, ligados à IC.

O tempo de duração do encontro foi de aproximadamente 60 minutos, padrão de tempo cumprido de acordo com o que é tecnicamente estabelecido para um grupo focal (MORGAN, 1998). Foi elaborado um roteiro, com questões flexíveis, úteis como gatilhos para condução da entrevista, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Isso permitiu tornar os dados obtidos mais precisos, de forma a serem analisados em relação aos seus conteúdos.

No que diz respeito ao processo de análise, houve a combinação de descrição para organização dos dados e a interpretação para explicá-los. Tal processo foi realizado por meio da técnica de análise de conteúdo, a qual se constitui em um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam aos discursos (BARDIN, 2016). Por isso, ela permitiu melhor sistematizar as ideias e fazer inferências sobre os elementos da comunicação, em discursos surgidos no grupo focal. Observe-se que a aplicação da técnica envolveu algumas fases, organizadas cronologicamente, conforme descritas no quadro 2:

Quadro 2: Processo de aplicação da técnica de análise de conteúdo aos dados

| FASE | ORGANIZAÇÃO CRONOLÓGICA |
|--|---|
| a) pré-análise | <ul style="list-style-type: none"> • organização do material para a extração das informações; • transcrição das entrevistas; • leitura “flutuante” das entrevistas. |
| b) exploração do material | <ul style="list-style-type: none"> • processo de segmentação e de codificação; • construção de esquemas gráficos e estruturas textuais; • análise de conteúdo categorial; • desenho de “mapas”: relacionando conceitos estudados e os dados obtidos; • critério de categorização semântico: distinção dos temas em categorias temáticas. |
| c) tratamento dos resultados/interpretação | <ul style="list-style-type: none"> • escolha de trechos específicos para análises aprofundadas; • análises de opiniões comuns ou divergentes entre os participantes; • movimento de agrupamento e separação; • delimitação de grandes categorias temáticas, baseadas nos dados coletados. |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das recomendações de Bardin (2016).

Uma limitação da pesquisa refere-se à aplicação do método. Tornou-se evidente no princípio da prática do grupo focal algum constrangimento, muito relacionado à expressão esperada sobre o programa de IC, no qual os estudantes se inserem. Percebeu-se o receio de

alguns participantes em discursar sobre assuntos tratados no grupo focal, tais como pontos fracos do programa e aspectos críticos a serem melhorados. Embora tenham profundo conhecimento dos fatores que afetam os dados mais pertinentes, temerosos de serem mal interpretados, a princípio se resguardaram. Contudo, pode se afirmar que ainda houve franqueza e profundidade nas trocas de experiência ocorridas ali, pois esses efeitos foram mitigados por meio da intervenção atenta e experiente dos mediadores do grupo focal.

4 PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: PERCEPÇÃO DOS BOLSISTAS

Neste capítulo será feita breve apresentação dos sujeitos da pesquisa, bolsistas e ex. bolsistas que se dispuseram a participar do grupo focal. Em seguida, apresentam-se os desafios, as oportunidades e as potencialidades identificadas no programa de IC, em conformidade com as declarações dos estudantes, dadas na entrevista coletiva.

4.1 Sujeitos da Pesquisa: Algumas Características Relevantes

Com o intuito de assegurar a confidencialidade do estudo, os participantes da pesquisa foram referenciados por meio de códigos, preservando assim suas identidades. Portanto, conforme consta no quadro 3, observe-se que os bolsistas foram identificados por meio de números, os seis participantes da graduação, graduanda 1 até o graduando 6 (citados nos depoimentos por G1 a G6) e os dois estudantes do mestrado, M1 e M2.

Quadro 3: Bolsistas de IC que participaram do grupo focal

| Entrevistados | Idade | Fase | Entrada na IC | Tempo de bolsa | Publicações |
|---------------|-------|------|---------------|----------------|-------------|
| Graduanda 1 | 21 | 2º | 2º | 5 meses | 0 |
| Graduanda 2 | 23 | 9º | 3º | 3 anos | 32 |
| Graduanda 3 | 25 | 9º | 1º | 6 meses | 36 |
| Graduando 4 | 20 | 6º | 4º | 5 meses | 9 |
| Graduando 5 | 22 | 9º | 3º | 1 ano/5 meses | 42 |
| Graduando 6 | 21 | 8º | 5º | 2 anos/6meses | 16 |
| Mestrando 1 | 23 | 4º | 5º | 2 anos/6meses | 37 |
| Mestrando 2 | 30 | 3º | 3º | 3 anos | 25 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

De acordo com o quadro 3, constata-se que no grupo focal houve representatividade de gênero. Pode-se perceber por meio dele também que, se trata de um grupo de jovens, recém-concluintes do ensino médio que logo em seguida ingressaram no ensino superior. Trata-se de

estudantes engajados, nota-se que ainda cedo, nas fases iniciais da graduação, construíram suas trajetórias na IC.

Percebeu-se que para eles desenvolver pesquisa é algo interessante e promissor, suporte para o desenvolvimento acadêmico e profissional, independente se a participação for voluntária ou por meio de bolsa remunerada. Como se encontra expresso em números no quadro 1, observe-se que a IC contribuiu muito no processo de elaboração de artigos e participação em eventos, as publicações são significativas e contribuem substancialmente para fortalecer seus currículos e dar-lhes mais experiências.

Vale enfatizar que, assim se cumpre um dos propósitos da IC, projetar o estudante para o meio acadêmico, estimulando a continuidade de pesquisa na pós-graduação, mestrado e doutorado. Mesmo o participante M1, que iniciou sua jornada na IC um pouco mais tarde (5º fase do curso), obteve êxito em sua produção científica.

Os incentivos dados pelo programa de IC, aliados ao perfil participativo e dedicado dos bolsistas, fortalece o envolvimento com a produção científica e o envolvimento direto em eventos. Este cenário promissor para o desenvolvimento da pesquisa vai ao encontro de concepções teóricas, as quais reiteram que a IC desencadeia um processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências instigando também forte interesse pela vida acadêmica (MARTINS; SILVA; SILVA JÚNIOR, 2016; PINTO; FERNANDES; SILVA, 2016; FREITAS et al., 2019).

Tornou-se muito evidente que, a partir do contato inicial com a IC os estudantes revelaram-se portadores de distintas habilidades, por exemplo: organização do tempo e disciplina na condução das suas agendas de trabalho. Isso desencadeou uma rotina de estudos mais profissionalizada e, ao mesmo tempo mais desafiadora, contribuindo para sua formação, direcionamento de carreira e o desenvolvimento de competências.

4.2 Desafios e Oportunidades Identificados na Iniciação Científica

No que se refere aos desafios do programa de IC, o discurso dos estudantes remete a diferentes percepções. A questão da política de IC realizada pela equipe de gestão da universidade foi contemplada. Sobretudo, envolvendo as prioridades e a forma de gerir importantes aspectos da pesquisa na instituição, tais como: os editais de IC publicados anualmente, a destinação de recursos por meio de diferentes modalidades de bolsa, especificando o tipo de pesquisa realizada, as parcerias realizadas com instituições de fomento,

por exemplo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

Além disso, diante de diferentes perfis de estudantes, a IC pode representar variados significados, sentimentos específicos como o medo e ao mesmo tempo trazer consigo certas dificuldades, tanto no desenvolvimento da prática como nas relações interpessoais. Veja o mapa conceitual na figura 1, tratando a respeito das percepções.

Figura 1 – Mapa conceitual sobre as percepções dos estudantes em relação às dificuldades encontradas na IC



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Observa-se na figura 1 que há diferentes percepções acerca das dificuldades encontradas na atividade de IC. Houve importante destaque em relação ao trabalho voluntário, cujo estudante não recebe remuneração para desempenhá-lo. Alguns estudantes declararam que para se tornar bolsista é preciso ter uma experiência como participante voluntário, pois geralmente há vários estudantes trabalhando com pesquisa. Os professores pesquisadores optam por dar oportunidades para os mais antigos, formando-se assim uma “ordem de chegada”, a qual se configura como um combinado e/ou consenso para a seleção, conforme a escolha do professor em decorrência do perfil do estudante, associado à sua dedicação e envolvimento com pesquisas.

Grande parte dos entrevistados mencionou que ser voluntário é contraditório, reconhecendo haver dois lados nessa condição. Por um lado representa uma caminhada rumo ao “ser escolhido”, ou seja, eleito para receber a próxima bolsa, configurando assim, tal iniciativa como um plantio que garante colheita futura. Contudo, por outro lado, os participantes desabafaram que trabalhar sem remuneração alguma gera complicações financeiras, pois muitos graduandos dependem da bolsa para sua permanência na universidade. Essa polaridade foi muito expressa nos relatos dos entrevistados:

Dependendo da pesquisa é difícil buscar voluntários devido a ser um trabalho mais corrido, por que os alunos pensam “a eu vou lá trabalhar como um escravo e não vou ganhar nada” a não quero. (Entrevistada G1).

Quando eu comecei, entrei como voluntário no LANA, e acabei ficando por lá 1,5 anos. Depois fui convidado pelo professor para ser voluntário, daí no segundo (2) mês de voluntário já veio a notícia que no próximo mês eu ia ganhar bolsa. (Entrevistado G3).

É difícil o professor que você chega na porta, e já ganha uma bolsa sem nunca ter trabalhado com ele [...] assim o professor conhecerá seu perfil diagnosticando assim, se o mesmo tem capacidade de trabalhar no projeto. Um exemplo disso sou eu, pois fiquei um ano e meio sem bolsa. (Entrevistado M2).

Além dessa situação contraditória, outra dimensão da condição de voluntário foi compartilhada. Os participantes do grupo focal expuseram que durante o período que atuaram como pesquisador voluntário, eles sofreram preconceito por parte de estudantes desinformados, desconhecedores do “mundo da pesquisa”. Na ausência de compreensão sobre o empenho do participante voluntário que se prepara e neste caminho adquire experiência, algumas posturas de discriminação e zombaria surgiam nos grupos sociais dos estudantes.

Nota-se que essas dificuldades ficam evidenciadas nas falas dos entrevistados:

[...] pois eu tinha vontade de trabalhar lá com iniciação e daí fui pra lá, daí eu falei que já tinha bolsa, que não precisava, então eu consegui como voluntário por que tinha PRAPE, aí depois eu perdi a bolsa PRAPE, daí que o professor falou que eu precisava de uma bolsa, aí depois surgiu uma e eu fui contemplada. (Entrevistada G4).

Eu lembro principalmente quando eu estava no LANA, que eu fiquei bastante tempo, passava final de semana e tudo mais, né, e quantos vinham tirar sarro, para, você é louco de ta lá, daí de tanto que eu ajudei o professor, daí saiu essa oportunidade e foi aí que ganhei a primeira bolsa. (Entrevistado G5).

[...] as vezes a gente escuta muito deboche, por exemplo você entra de voluntário e num sábado tem que ta lá trabalhando ou num dia de semana tendo que ficar até as sete ou oito horas da noite e aí depois no ciclo de amigos alguém diz - você trabalhando até oito horas da noite pra não ganhar nada, então isso até começa a perturbar a cabeça, às vezes, e o cara começa a pensa, bah, eu estou lá me esforçando me e não ganho, enquanto o outro não ganha mas também não faz nada, vai lá e cumpre os requisitos da disciplina. Tem que ver a importância disso, apesar de não

estar ganhando nos primeiros meses, tem que ter bastante consciência do quão importante isso é. (Entrevistado M1).

A despeito disso, evidenciou-se nos relatos que, os graduandos voluntários refletiram a dedicação à pesquisa em seu empenho nas disciplinas, reforçando a formação acadêmica. Cabe ressaltar que voluntariar-se pode significar a porta de entrada para conseguir uma bolsa, e que esse processo proporciona ao estudante habituar-se a dedicação e ao esforço para conseguir seus objetivos.

Dentre todas as atividades de IC desenvolvidas no curso, algumas demandam maior empenho por parte dos bolsistas. Cabe destacar aqui as atividades de pesquisa que necessitam de trabalho e empenho durante mais dias da semana. É importante destacar também que algumas atividades são consideradas um trabalho mais “pesado” por exigir do estudante, em algumas vezes, esforço físico ou intelectual maiores, um trabalho considerado mais intenso.

Desse modo os bolsistas, em alguns casos precisam trabalhar nos finais de semana, à noite e também no período de férias, para desempenhar a sua atividade conforme estabelecido em seu plano de trabalho. Na percepção dos bolsistas, isso é visto como uma dificuldade. Essa dificuldade pode revelar também uma oportunidade do estudante vivenciar a prática do curso em áreas diferentes, ou seja, podem descobrir suas habilidades e afinidades com áreas específicas ou mesmo, afinidade maior com pesquisas práticas com grande envolvimento em trabalho de campo. Neste caso, os bolsistas relataram que buscam oportunidade nas áreas que mais tem afinidade e que a persistência em ser bolsista relaciona-se mais à área de atuação e relacionamento com o professor orientador. Não há relatos de desistência da atividade IC em decorrência do trabalho voluntário, cansativo, fora do horário ou outras dificuldades citadas:

É de extrema importância a bolsa para o acadêmico que está cursando, porém os acadêmicos pouco se interessam pelas bolsas que a universidade tem, querendo ou não participar de um projeto de iniciação é puxado...final de semana, as vezes, nas férias a gente vai ter que estar na universidade. É um compromisso assumido. (Entrevistada G2).

Dentre as dificuldades apontadas pelos entrevistados, houve alegação quanto à estrutura dos laboratórios de IC. Grande parte das pesquisas é gerada nos laboratórios, porém, devido à falta de equipamentos, acabam por inviabilizar alguns estudos. Além disso, da existência de equipamentos antigos, juntamente com a estrutura deficitária de alguns laboratórios prejudicam o andamento das pesquisas e também afetam o interesse dos professores em buscar novos bolsistas.

Denota-se com base nos relatos, que as estruturas dos laboratórios, são importantes para atrair os estudantes e também para promover oportunidades de crescimento, como exemplificado pelos entrevistados:

Vai também da estrutura dos laboratórios, pois a estrutura também atrai os alunos, a participar do projeto. Tem casos que o professor gostaria de ter mais bolsistas, mas a estrutura não ajuda daí não tem como. (Entrevistado M1).

Alunos não tinham o que fazer, ficavam lendo artigos para debater com o professor, pois não tinham estrutura, agora tem, o que é bom para nós. (Entrevistado G6).

Ao adentrar na universidade, alguns estudantes das fases iniciais são inexperientes, sendo assim, consideram difícil fazer um contato com o professor orientador para se inserir em um grupo de pesquisa ou em projeto de IC. Tal inexperiência somada à falha de comunicação do setor responsável pela pesquisa termina por prejudicar o acesso dos estudantes à IC, já nas fases iniciais. Essa falha pode ser constatada no relato dos entrevistados:

Quando eu entrei parecia que era mais disputado, pois não tinha tanta vaga e a comunicação era falha em relação às bolsas que tinham disponíveis. Eu quando entrei não sabia nem pra onde ia, por que os laboratórios eram tudo fechado, cheios de gente, não era tão aberto, olha tem uma vaga aqui, tem ali. (Entrevistado G5).

[...] A orientação inicial para os calouros é muito importante para desenvolver o interesse pela iniciação científica. A ampla divulgação é importante no início. (Entrevistado M1).

Entretanto, percebeu-se que essa dificuldade pode ser minimizada com atitudes simples, tais como a utilização de estratégias de divulgação dos editais de pesquisa, tanto com ferramentas da internet (site e redes sociais) como também por meio do contato direto com os estudantes. Estabelecer contato nas salas de aula, explicando ali no ambiente deles a respeito de possibilidades de bolsas é uma alternativa viável. Inclusive, os próprios bolsistas podem desempenhar essa função, compartilhando suas experiências com a prática de IC, auxiliando mais de perto na divulgação. Tal orientação inicial pode ser observada na fala abaixo:

Eu acho importante aquilo que o PET faz, pois eles fazem visita a primeira fase, divulgando os laboratórios e instigando os alunos a participarem de projetos de IC. Conheço alunos que iniciaram trabalhos em projetos inicialmente como voluntário na segunda fase e posterior conseguiram bolsa até o final do curso, por isso é importante esse engajamento inicial do aluno. (Entrevistado M1).

Essas estratégias representam verdadeiros exemplos de ações que a instituição pode programar para atrair o interesse dos estudantes nos programas de IC. Destaca-se também que a instituição oferece recursos financeiros para o estudante participar de eventos científicos, como o Edital de Apoio Discente, publicado anualmente. A instituição também organiza um

evento científico que envolve toda a comunidade acadêmica para apresentação dos trabalhos científicos desenvolvidos no ano pelo bolsista.

Associada a esse fato, na percepção dos entrevistados, a falta de bolsas em áreas específicas é um dos grandes empecilhos encontrados na IC. Contudo, esse fato não os afasta do mundo da pesquisa. Ao contrário, acaba sendo uma oportunidade para o estudante entrar na IC, mesmo que atue como voluntário, pois conforme já mencionado, atuar como voluntário é a porta de entrada para obter a bolsa. As percepções relacionadas à divulgação e a falta de bolsas em algumas áreas ficam claras nos relatos dos entrevistados:

Eu acho que tem muitas bolsas de iniciação na universidade, porém em certas áreas faltam bolsas, como é o caso do LANA. (Entrevistada G2).

Eu fiquei esperando a bolsa de iniciação por muito tempo, sem receber outra bolsa, tentei o PRAPE, mas não consegui e mesmo assim fiquei lá como voluntário. (Entrevistado G3).

Quando nós entramos eu entrei com bolsa por que tinha PRAPE, mas os meninos também não ganharam de início o professor deixou um tempo pra depois dar a bolsa. (Entrevistada G4).

Eu entrei, por exemplo, como voluntário, por que não tinha muitas bolsas naquela época. (Entrevistado G5).

Eu me candidatei a uma bolsa de iniciação científica, e também coloquei que mesmo se eu não ganhasse bolsa eu gostaria de ser voluntário, caso não fosse selecionado, isso foi o diferencial para mim ganhar bolsa. A gente ficou empatado aí resolvemos por dividir a bolsa, R\$ 200,00 cada um. (Entrevistado G6).

Outra dificuldade mencionada na trajetória do caminho trilhado para a IC diz respeito ao aspecto relacional. O relacionamento interpessoal, conforme foi muito destacado pelos entrevistados, revelou-se fundamental para que as expectativas dos bolsistas relacionadas à IC sejam alcançadas. O entrevistado M1 assim expôs: “A questão pessoal acaba se tornando muito importante, faz grande diferença”, uma vez que o contato entre o bolsista e o professor orientador é algo inerente à prática da IC. A falta de afinidade entre as partes foi relatada pelos entrevistados como uma dificuldade que pode, até mesmo, acarretar na desistência do programa de IC.

A relevância do aspecto relacional fica também evidenciada no relato do entrevistado G6 “*Eu, por exemplo, acho que não me encaixaria trabalhar com certos professores. Muito provavelmente que eu recusaria uma bolsa se tivesse que trabalhar com certos professores*”. Notou-se no decorrer da condução do grupo focal que, os bolsistas, muitas vezes, acabam dando mais importância para o lado pessoal do que em relação à própria área de atuação. Isso pode ocorrer, talvez pelo fato do bolsista não se desafiar a sair de sua zona de conforto.

Quando um voluntário da IC acaba por ser contemplado com uma bolsa de IC remunerada, este indica outros estudantes para ocuparem seu antigo posto como voluntário nos projetos ligados a IC. No entanto, sob a percepção dos entrevistados, isso se caracteriza como um desafio a ser enfrentado, pois a dificuldade para encontrar outro pesquisador voluntário é enorme. Como se evidenciou, o fato de não aceitarem o convite, está estritamente ligado à apresentação em eventos da IC. Sabe-se que, graduandos que desenvolvem atividade voluntária são incentivados a apresentar os resultados de seu trabalho, por exemplo, no evento denominado Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE).

Nesse sentido, torna-se interessante que os estudantes vislumbrem nesse desafio uma oportunidade de crescimento, principalmente na trajetória do desenvolvimento pessoal, pois a competência de se expressar falando em público é essencial, tanto para carreira acadêmica como a profissional. Essas dificuldades podem ser percebidas nos relatos dos entrevistados:

[...] e também uma dificuldade foi achar uma outra pessoa no meu lugar, por que duas pessoas não quiseram, justamente por causa da apresentação do SEPE, que as pessoas tem muito medo de falar lá na frente e... é uma coisa preocupante isso, imagina duas pessoas já de cara não aceitaram por causa da apresentação do SEPE. (Entrevistada G2).

Muitas vezes, tem gente que faz questão de não entrar, por causa que tem que apresentar no SEPE, tem que apresentar.. mas é bem enriquecedor. (Entrevistado G5).

Outro desafio mencionado pelos bolsistas refere-se à conciliação entre o desenvolvimento da atividade de IC e a frequência às aulas. Pode-se destacar que no decorrer dos discursos, os entrevistados expuseram que se sentiam entusiasmados em ficar até mais tarde praticando a IC, mesmo sendo cansativo, muitas vezes, até exaustivo. Em meio a esse obstáculo de conciliar a IC com as outras atividades, surge a oportunidade para o bolsista superar suas dificuldades, tornando-se uma pessoa mais preparada e qualificada para atuar nas organizações. Visto que as organizações estão cada vez mais buscando pessoas com múltiplas habilidades e ágeis em relação às atividades. Diante disso, os entrevistados evidenciaram que:

Um desafio que eu vejo por mim, é a questão de conciliar, às vezes, tem que deixar de ir em uma aula para ficar no laboratório, para socorrer alguma coisa, então essa questão seria um desafio, a gente tá perdendo uma aula que não poderia e vai estar em função da tua bolsa. Mas é uma questão que dá para conciliar. (Entrevistada G1).

Meu orientador não quer que eu falte aula para fazer pesquisa, só que isso é praticamente impossível. Se eu ficar até 8:00, 9:00 horas da noite, eu me sinto bem aqui. É gratificante tu estar gostando do que faz. (Entrevistado G3).

[...] por causa que a gente tem que conciliar ao mesmo tempo que tá fazendo as pesquisas com as matérias, daí talvez a gente deixa de ir em algumas aulas para fazer experimento, ou ao contrário. Em questão teórica as aulas são muito boas para conciliar com os experimentos, mas em questão do tempo na prática é puxado. (Entrevistado G6).

Ficou evidente que os obstáculos citados, em muitos casos, se tornaram caminhos alternativos para o enfrentamento de desafios. No decorrer do tempo, a partir da experiência vivida na atividade IC, também puderam ser reinterpretadas as dificuldades, passando elas a serem encaradas como verdadeiras oportunidades.

Diante dos resultados pode-se deduzir que um desafio e/ou uma dificuldade específica enfrentada pelo bolsista no programa, pode resultar em uma oportunidade. Considerando o dinamismo e a contribuição da IC para a aprendizagem do graduando, houve estímulos para o aumento no número de bolsas na instituição, fazendo com que os estudantes tenham a chance de participar desse importante processo.

O desenvolvimento das atividades de IC mostra-se uma prática importante para moldar a sociedade como um todo. Entretanto a realização pessoal em saber que seu trabalho foi reconhecido é uma das conquistas principais, como relatado pelo entrevistado G6 “*A conquista é você trabalhar, fazer pesquisa e depois ver teu trabalho publicado na revista, essa é conquista principal*”.

Notou-se claramente que por intermédio da IC, diferentes oportunidades surgiram para os estudantes. Na figura 2, encontram-se as principais.

Figura 2 - Mapa conceitual sobre as principais oportunidades encontradas na IC



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Percebeu-se que há diferentes oportunidades para os estudantes inseridos na IC. Cabe destacar que em muitos casos, essas oportunidades se originam dos desafios e/ou dificuldades enfrentados no cotidiano do bolsista. Com relação à categoria trabalho, pode-se destacar que, criar afinidade com certas áreas, estudar determinado assunto, melhorar desempenho no curso e conhecer lugares, professores e instituições, são contribuições únicas do programa de IC. Representam oportunidades de estimular o bolsista a se familiarizar com certas áreas do curso e, ao mesmo tempo, instiga o desejo de conhecer novos lugares, instituições, propiciando pontes para desenvolver sua pós-graduação, por exemplo.

No plano pessoal, notaram-se vantagens referentes à: atuar em um grupo de pesquisa, representar a universidade, ser reconhecido, ganhar prêmios e desenvolver autoconfiança e autoestima. É de grande valia para o bolsista ter a oportunidade de representar a universidade em um evento, pois além de se desafiar, fortalece seu vínculo com a instituição. Nesse ponto o bolsista começa a mostrar a si mesmo que pode vencer as limitações e ainda fortificar suas potencialidades. Nessa categoria, pode-se dizer que as oportunidades geradas, são fundamentais para que o bolsista não perca o foco, mas desenvolva, cada vez mais, o desejo por continuar na IC.

No que tange ao lado profissional, as oportunidades caracterizam-se como a melhoria no currículo, ser “expert”, possibilidade de estágios e intercâmbios e ainda relacionam-se à contribuição para o bolsista adentrar na pós-graduação. Nesse sentido, as oportunidades corroboram com o bolsista que, além de se tornar um “expert”, ou seja, saber muito em diferentes áreas, ainda o possibilita alavancar seu currículo por meio de estágios e intercâmbios. Isso promove o dinamismo em sua direção de carreira, favorecendo tanto seguir carreira acadêmica como optar por trajetórias profissionais no mercado.

Muito além buscar ocupar o tempo do estudante, a IC na graduação se configura como um processo em que orienta o estudante a seguir seus anseios e motivações. Cabe destacar que a IC, além de contribuir com a carreira acadêmica e profissional, contribui também na dimensão da formação pessoal, instigando o bolsista a vencer suas limitações. Vale enfatizar, por fim, que a despeito de desafios, as expressivas oportunidades oferecidas pela IC contribuem significativamente para formação dos bolsistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou explicar a percepção de bolsistas quanto aos desafios e oportunidades identificados na prática de IC. Analisou-se o conteúdo dos discursos de oito participantes de programa de IC, feitos por meio de entrevista, via grupo focal.

Os resultados mostram que, para os bolsistas contemplados, o programa proporcionou relevante vivência com colegas e com professores orientadores. Essa rede de relações, a partir do depoimento dos participantes, revelou vários entraves, dificuldades e algumas barreiras específicas de funcionamento. Porém, pode-se concluir que elas acarretaram aos estudantes ricas oportunidades e um aprendizado significativo. Sobre esta questão os atuais e ex-bolsistas IC, relataram os principais desafios e oportunidades vivenciados por eles na IC.

No que se refere aos desafios, identificou-se dificuldades relacionadas ao aspecto do trabalho realizado, estrutura de apoio e questões pessoais. O desafio de atuar como voluntário, em uma fase experimentada à priori para garantir a conquista da bolsa de IC, embora revelado como desgastante, por fim revelou-se a todos os entrevistados como uma ponte, sendo muito promissor para alcançar sucesso, tornando-se bolsista.

No que tange ao aspecto estrutural, notou-se que há dificuldades associadas à manutenção da instituição pública, como modernização dos equipamentos e instalações, elas terminam por prejudicar o bom desempenho das pesquisas. Além disso, a organização dos procedimentos de suporte ao funcionamento do programa de IC via comunicação do mesmo, também apresentou falhas. Aliado a essa dificuldade, os bolsistas mencionaram a falta de organização na distribuição dos recursos, por meio de incoerências na distribuição de bolsas por áreas de estudo.

No plano pessoal, tornou-se muito evidente que aprender a se relacionar com professores, sobretudo, no que diz respeito às exigências e a autonomia de ação, a princípio revelou-se uma dificuldade. Especialmente, quando o orientador desafiou a capacidade de autonomia e atitude dos participantes do grupo focal, no processo de pesquisa a que faziam parte. Apresentar seus trabalhos em eventos, expondo-se e vencendo as dificuldades de comunicação e apresentação em público, bem como a gestão do tempo e equilíbrio da dedicação, no exercício constante de conciliar estudos nas disciplinas do curso e atividades da IC, também foram dificuldades enfatizadas.

Entretanto, na medida em que o grupo foi se sentindo confortável no decorrer da entrevista, observou-se a necessidade de todos os participantes de atestar que participar de um grupo de pesquisa, ganhar espaço e confiança dos docentes pela sua contribuição, oportunidades

de participação externa para representar a universidade, trata-se de resultados importantes. Diante das dificuldades enfrentadas no processo de IC, esses seriam os prêmios por vencer desafios e aproveitar oportunidades.

A maior parte dos estudantes comentou sobre a relevância de ser reconhecido e ainda premiado em eventos, demonstrando que a superação ajudou nos seus desenvolvimentos, inclusive, na autoestima e autoconfiança para avançar e romper obstáculos de formação que surgiram no caminho. Evidenciou-se que a prática da pesquisa estimulou habilidades e competências diversas, estimulou a proatividade, criatividade e a capacidade de rever conceitos, conforme relato dos participantes, possibilitando a eles oportunidades de conhecer melhor as áreas de atuação profissional, considerando seus interesses (PINTO; FERNANDES; SILVA, 2016).

Importa destacar que diante dos obstáculos eles encontraram janelas de inteligência para superação e o vislumbre de oportunidades, pois o significado da IC para os graduandos é maior, vai além da sua percepção como propulsora da carreira acadêmica, inclui novas perspectivas também para a carreira profissional. Convergindo para outras pesquisas (ERDMANN ET AL., 2010; ALMEIDA; VARGAS; RAUSCH, 2011), as quais defendem que há contribuições tanto no âmbito acadêmico como profissional, frente à prática de IC por estudantes de graduação. Os participantes dessa atividade extracurricular acabam tendo maior proximidade com as práticas de mercado, facilitando aliar tal prática às teorias da profissão.

Na atualidade as organizações buscam profissionais sagazes, habituados a solução de problemas e conciliação do planejamento ao imprevisto, verdadeiros pilotos e não meros robôs. Sendo assim, a participação em atividades de IC cooperou para o desenvolvimento da formação integral dos bolsistas, como defende Nascimento (2011). Isso ocorreu, na medida em que eles tiveram bons contatos com professor pesquisador, em orientações muito precisas para evolução de publicações científicas e participações em eventos.

Deve-se ressaltar por fim que, aliar o ensino com a pesquisa, especialmente se utilizando da IC, pode ser considerada uma estratégia necessária e fundamental para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação (SANTOS; LEAL, 2014). A articulação do ensino e da pesquisa, por meio da IC, pode garantir processos de aprendizagem significativos, dando qualidade à prática da pesquisa no ensino superior, além de capacitar acadêmica e profissionalmente os graduandos participantes deste processo.

Fica aqui, no entanto, uma reflexão a respeito da necessidade de fomentar a IC, sobretudo, nesse tempo em que ocorrem cortes de recursos para pesquisas, reduzindo-se as

bolsas. Obviamente, a importância da IC na graduação é incontestável, ainda que haja desafios em seu processo, eles são fatores que podem proporcionar amadurecimento e desenvolvimento do estudante. Diante dessa constatação, a conclusão do estudo abre campo para a defesa da estruturação do programa de IC, na perspectiva de recursos econômicos.

O contexto que envolve a gestão de bolsas na universidade abrange tanto a questão de distribuição de recursos públicos, parcerias com agências de fomento como CNPq, gestores, técnicos, professores, seleção de bolsistas, programa, como a plataforma da pesquisa. Considerando essa rede, percebe-se a necessidade de conexões ainda mais fortes, por isso torna-se necessário aperfeiçoar as políticas de funcionamento do programa, incentivando institucionalmente e politicamente a prática de IC.

Nessa linha, sugere-se agenda de pesquisa que contemple estudos voltados para os desafios experimentados na gestão dos programas de IC, especialmente no que tange aos cortes de bolsas, avançando em relação a esse estudo, orientado para percepção particular dos bolsistas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Dalci Mendes; VARGAS, Alzenir José; RAUSCH, Rita Buzzi. Relação entre ensino e pesquisa em controladoria nos cursos de pós-graduação stricto sensu em ciências contábeis brasileiros. In: **Anais, Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis**. 2011.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CASSUNDÉ, F. R. S. A. et al. Participar ou não participar, eis a questão! Um estudo sobre o engajamento dos estudantes de Administração em atividades extracurriculares. **ID on line Revista de Psicologia**. v. 9, n. 26, Supl. Esp., p. 42-56, 2015. <https://doi.org/10.14295/online.v9i26.327>
- ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 14, n. 1, p. 26-32, 2010.
- FERNANDES, Tatiana Brandão; DE QUEIROZ BESSA, Amanda; DA SILVA, Edinara Sobrinho. **A Iniciação Científica Na Universidade Federal Do Amazonas: um estudo do perfil e das perspectivas dos discentes de biblioteconomia que ingressaram no PIBIC entre os anos de 2010 a 2012**. 2013.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009. Tradução Roberto Cataldo Costa.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Tradução Roberto Cataldo Costa.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Anna Cecília Chaves; RAMOS, Anatólia Saraiva Martins. Grupos focais desenvolvidos em cursos de administração: um estudo com universidades brasileiras. *Revista Interface*, v. 11, n. 2, 2015.

GUTERRES, A. Bolsista de iniciação científica: a ponte entre o cidadão e o pesquisador. MALDONADO, AE et alli. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTINO, Luis Mauro Sá et al. Iniciação científica e epistemologia da comunicação: subjetividade e pesquisa. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 574-596, 2018.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares; (orgs). Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MORGAN, D. L. **The Focus Group** Guidebook. Thousand Oaks: Sage, 1998.

NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz. **Iniciação científica e seus impactos na formação acadêmica superior**: um estudo de caso em Sergipe (1995-2008). 2011.

ODELIUS, C. C.; PORTO, J.G.Q. Domínio e importância de competências: um estudo longitudinal com alunos do curso de graduação. Encontro da ANPAD, 40, 2016, Costa do Sauípe-BA. **Anais...** Costa do Sauípe: ANPAD, 2016.

PEREIRA, A. K. et al. A importância das atividades extracurriculares universitárias para o alcance dos objetivos profissionais dos alunos de administração da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, Edição Especial, p. 163-194, 2011. <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2011v4nespp163>

PINHEIRO, José Mauricio dos S. **Da iniciação científica ao TCC**: uma abordagem para os cursos de tecnologia. Ciência Moderna, 2010.

PINTO, Natália Lúcia Da Silva; FERNANDES, Laura Maria Abdon; SILVA, Fabiana Ferreira. Para além da formação acadêmica: as contribuições da iniciação científica para o desenvolvimento pessoal e profissional de estudantes da área de administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 301, 2016.

SAMPAIO, R.F. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANTOS, Cassius Klay Silva; LEAL, Edvalda Araújo. A iniciação científica na formação dos graduandos em ciências contábeis: um estudo em uma instituição pública do triângulo mineiro. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 11, n. 22, p. 25-48, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007

SOARES, L. R. et al. Iniciação científica na graduação: experiência da Liga da Mama da Universidade Federal de Goiás . **Rev. bras. Mastologia** , v. 27, n. 1, p. 21-26, 2017. <https://doi.org/10.5327/Z201700010005RBM>

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods**: a guidebook and resource. New York, NY, USA, 1997.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos De Coleta De Dados No Campo**. São Paulo: Atlas, 2009.